

Fronteiras, espacialidades e memórias em tempos de conflitos (séculos XX e XXI)

Ángeles Castaño Madroñal¹

acastamad@us.es

<https://orcid.org/0000-0002-3617-8041>

Jiani Fernando Langaro²

jflangaro@ufg.br

<https://orcid.org/0000-0003-2048-2927>

Fronteiras, espacialidades e memórias: amplos debates nas ciências humanas já buscaram captar as especificidades de cada um desses conceitos, que se tornaram ainda mais complexos no final do século XX. No entanto, as fronteiras nem sempre foram entendidas como um produto da história; por muito tempo, supôs-se que simples tratados diplomáticos pudessem estabelecê-las, ignorando-se a dimensão complexa das culturas e relações sociais de áreas vizinhas. As espacialidades, por sua vez, já foram consideradas como domínio primário da geografia, enquanto hoje a antropologia e a história também têm dado contribuições importantes para sua problematização. O debate tem se concentrado nas diferentes escalas espaciais e em como em torno das fronteiras se constroem e territorializam identidades relacionadas com diferentes espaços.

O dossiê proposto teve como objetivo promover o debate e a disseminação de resultados de pesquisas que refletissem sobre essas questões de forma mais contemporânea. Inicialmente, interessamo-nos por trabalhos que problematizassem como os cidadãos fronteiriços entendiam as fronteiras, à sua maneira, sejam elas nacionais, regionais ou simbólicas; como essas pessoas lidavam (também à sua maneira) com as espacialidades e como as reelaboravam, individualmente ou por meio de práticas sociais e culturais coletivas.

Finalmente, a memória, conceito que ocupa um lugar central em grande parte das pesquisas realizadas nas diferentes disciplinas das humanidades, ajudou-nos

a estruturar a proposta. Isso porque também nos interessava entender como fronteiras e espacialidades são lembradas e reencenadas, como memórias são transformadas ou cristalizadas nos processos de demarcação espacial e de fronteiras.

Para tanto, tomamos como *locus* de análise os processos ocorridos em países latino-americanos, asiáticos e europeus, especialmente dentro e entre países e regiões cujas fronteiras foram e continuam sendo voláteis ao longo do período desta proposta, que foram palco de conflitos internacionais e de intensa mobilidade humana. Nosso objetivo com este dossiê foi promover um debate interdisciplinar frutífero sobre os temas propostos e a construção de uma visão inovadora da tríade conceitual-chave proposta. Considerando essas questões, propomos os seguintes eixos de reflexão, quando da publicação da chamada do dossiê:

1. Fronteiras em tempos de globalização: Pretendíamos atrair trabalhos acerca da emergência de um cenário geopolítico multipolar, que se manifesta na reabertura de antigos conflitos por territórios disputados na agenda colonial, que pareciam encerrados desde meados do século passado.

2. Espaços fronteiriços-espaços habitados: Por meio deste eixo, abrimos espaço para trabalhos acerca de sociedades construídas sobre fronteiras, que mantêm uma relação sócio-histórica, contextualizada e identitária, em um ambiente caracterizado pelas múltiplas facetas que moldam a experiência dos limiares interestatais e da

¹ Universidad de Sevilla (US), Departamento de Antropología Social, Facultad de Geografía e Historia. Calle Doña María de Padilla s/n., c.p. 41004, Sevilla, España.

² Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa (acadêmico) de Pós-Graduação em História e Programa de Pós-Graduação (profissional) em Ensino de História – PROFHISTÓRIA (Polo UFG). Avenida Esperança s/n., Câmpus Samambaia, Prédio da Reitoria, CEP 74690-900, Goiânia, Goiás, Brasil.

realidade nacional. Interessavam-nos as maneiras pelas quais os processos de transculturação e interculturalidade, como dinâmicas adaptativas, deram sentido aos modos de vida transfronteiriços.

3. Memórias de migração e deslocamento nas fronteiras: Os conflitos dos séculos XX e XXI produziram significativos movimentos migratórios e deslocamentos forçados. Interessava-nos trazer à tona artigos sobre a memória local dessas experiências, na qual as populações fronteiriças desempenharam um papel histórico e político.

Com esses eixos, buscamos abordar um dos fenômenos mais marcantes da globalização, que é justamente a tendência sistêmica à fragmentação territorial e à construção de fronteiras físicas, verdadeiros muros divisórios, que proliferaram no mapa-múndi nas últimas quatro décadas. Essas fronteiras são encontradas em praticamente todos os continentes, embora a maioria delas esteja crescendo e sendo construída na Ásia. Essa tendência, assim como os legados que nos foram deixados pela modernidade colonial e pelo imperialismo da guerra industrial do século XX, ignora as sociedades que historicamente habitam esses territórios. Elas são forçadas a se adaptar ou conviver com novas construções e suas imposições, revelando uma das faces do colonialismo contemporâneo.

Para dar conta de nossa proposta, na organização deste dossiê, articulamos três dimensões que permitem uma abordagem complexa do fenômeno fronteiriço: o fato da fronteira ser signo de poder nos limites territoriais da soberania nacional; a dimensão social e simbólica das sociedades, historicamente situada com maior ou menor temporalidade dentro desses limites; e a memória coletiva que nos permite compreender a (re)construção e a dinâmica desses enclaves geográficos e sociais em tempos de conflito que delimitamos na história contemporânea desde o século XX. Esse parêntesis cronológico nos permite estabelecer um dado contexto, pois no final do século XIX e no turbulento alvorecer do século XX, impérios de longa data que marcaram o mundo desapareceram e ruíram, e o que conhecemos como modelos de Estado e imaginários nacionais se consolidaram. Um novo paradigma organiza as relações internacionais institucionalizadas em organizações globais, como a ONU, e estabelece o molde de governo e representação de todas as nações ávidas por independência no processo de descolonização, como se considera, desde a Segunda Guerra Mundial. Um paradigma com arcabouço ideológico e significados, sem os quais é impossível interpretar a complexidade dos processos, não apenas geopolíticos e geoeconômicos das relações globais,

mas também a própria base das representações identitárias a partir das quais as sociedades do mundo são governadas. Nesse sentido, a grande contribuição de Anderson (2008) foi justamente apontar dois fenômenos: o imaginário da nação, que ele concebeu por meio do conceito de comunidade imaginada; e a incrível variedade que a clonagem estatal moderna, colonial e pós-colonial produziu em todo o mundo ao longo do último século (Anderson, 2008). Trata-se de uma obra de aparente homogeneidade que contém e mantém a diversidade intrínseca cristalizada pelos legados e memórias dos povos colonizados do mundo.

Curiosamente, os debates desencadeados pelo futuro da globalização a partir da década de 1980 rapidamente consolidaram duas posições: aquelas que homogeneizam e diluem identidades coletivas à mercê de um mundo cada vez mais interconectado (Ritzer, 2008; Appadurai, 2008); e a dialética centrada no interacionismo do local e situado em processos negociados com macro-tendências, tanto em sua dimensão política quanto na economia de mercado, que foi sintetizada com o conceito de glocalização (Robertson, 2003).

A partir desses ecos, estamos em 2025 imersos em dinâmicas complexas que demonstram, contra todas as probabilidades, que as fronteiras se endureceram e se tornaram mais complexas. As economias estatais estão adotando modelos mais protecionistas e surgiram como ciberfronteiras tecnológicas que regulam o fluxo de informações essenciais para continuar criando comunidades imaginadas. É o caso dos espaços semiosféricos digitais da China, Rússia e EUA, ou que regulam fluxos e trocas tecnológicas como a já conhecida Rota da Seda Digital, a própria UE e as corporações cibernéticas norte-americanas que constroem e produzem o sentido do “Ocidente”. Surgiram novos Estados com novas fronteiras, como Israel, Sudão do Sul, Bósnia-Herzegovina ou Sérvia; e Estados antigos ou emergidos de reinos históricos, que continuam a expandir suas fronteiras, como Rússia, China e EUA.

Tudo isso nos leva a afirmar que é evidente que os estudos de fronteiras têm uma importância inusitada e permanecem centrais neste contexto histórico. Diante desse panorama, abordagens multidisciplinares representam uma forma de produzir conhecimento em meio a fronteiras, para aprofundar a interpretação das especificidades e dinâmicas sistêmicas fronteiriças.

Ao fim, os eixos propostos mobilizaram linhas de debate de redes internacionais de pesquisadores, preocupados em pensar fronteiras, espacialidades e memórias³. Os artigos reunidos no dossiê dão conta de

³ Entre as redes internacionais mobilizadas estão: “Diversidade das Culturas/Diversidad de las Culturas”, com sede na Universidade Federal de Goiás, por meio da Chamada CNPq Nº 14/2023 – Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação, “Américas: histórias, patrimônios e saberes comparados”, promotora deste dossiê; “Out_arquias. Investigación en los Límites de la Arquitectura”, com sede na Universidad de Sevilla (Espanha); e “Leituras de Fronteira/Lecturas de Frontera”, com sede na UFGD.

como a tecnologia e a economia global atravessam os contextos fronteiriços do mundo globalizado. O esforço tecnológico para construir fronteiras cibernéticas militarizadas, mas também para levar a tecnologia digital aos limites, uma questão-chave na regulação da sociedade, faz com que os espaços fronteiriços se povoem a partir de imaginários mediados.

Essa é uma dimensão geracional crucial para entendermos o declínio da memória ancorada em tradições e a emergência de um novo horizonte sem esse tipo de memória. Ela se faz presente nas construções que transformam antigos limites e suas tradições em cenários românticos e paisagens turísticas. Nesse processo, a valorização de determinados espaços, como ruínas do patrimônio cultural edificado, ocorre não por sua carga histórica, mas pelo que elas representam no presente, como ambiência para fotografias destinadas à exibição pública nas redes sociais, por exemplo.

Todo esse processo, marcado por intensos deslocamentos, também pode representar o fim da transmissão destinada a ancorar uma memória oral, em desaparecimento em muitas sociedades de fronteira ao redor do mundo. Também ameaça processos coletivos de construção e transmissão de experiências sociais (Thompson, 1981), vitais para a sobrevivência em sociedades extremamente desiguais, a cada dia mais atomizadas.

Quando propusemos o dossiê, já tínhamos consciência de que, há muito, nas Ciências Humanas, a fronteira deixou de ser pensada como produto da natureza ou da diplomacia, como uma “linha” a separar “países”. Benedict Zientara, já havia escrito o clássico verbete “Fronteira”, da *Enciclopédia Einaudi*, em que provocava: “A linha da fronteira é, portanto, uma abstração que não tem existência real fora do mapa geográfico. Mesmo o confin entre a terra e o mar não é uma linha, mas sim uma orla ou margem traçada pelo mar” (Zientara, 1989, p. 307). As metáforas adotadas pelo autor possuíam um objetivo específico: destacar como as fronteiras são criações humanas, elaboradas em meio a relações de poder, dentro de processos históricos.

O dossiê que ora se apresenta, por seu turno, aprofunda e complexifica esse debate. Os artigos, em sua diversidade teórica, metodológica e disciplinar, atualizam a discussão e a tornam mais decolonial. Neles, *antigas e novas* fronteiras são estudadas entre povos europeus, asiáticos e americanos, tradicionais ou não. A colonialidade do poder (Quijano, 2000), presente na fixação arbitrária de limites entre países, é desvelada, bem como a rebeldia das culturas fronteiriças, que insistem em atravessá-los. Os textos publicados explicam como, em meio a processos historicamente situados, as fronteiras se constituem culturalmente e, dessa maneira, vão muito além de algo fixo

em espaços meramente físicos. Configuram-se, portanto, em elementos plasmados por pessoas e grupos sociais, em meio a seus referentes culturais, identidades, memórias e necessidades cotidianas.

Os trabalhos aqui reunidos, por seu turno, revelam como os mais diferentes espaços e espacialidades foram refletidos, revelados em sua dimensão humanamente produzida. Pensam essa categoria seguindo a trilha de intelectuais como Michel de Certeau (2000) que, em *A invenção do cotidiano*, já discutia como os espaços são moldados pela percepção e ação humana. Assim, foram problematizadas desde as fronteiras instituídas arbitrariamente entre China e Vietnã, em meio ao processo colonial no Sudeste Asiático, ainda a impactar as populações montanhesas desses dois países, no presente, até o cultivo de “cidades tóxicas”, nas ZEDEs neoliberais latino-americanas contemporâneas.

As fronteiras, portanto, como produtos de espaços elaborados pela ação humana, são múltiplas. Em tempos de globalização, construída historicamente ao longo dos séculos XX e XXI, diferentes sujeitos sociais as carregam em seus processos de deslocamento, forçado ou não. Nessa dinâmica, novas fronteiras são edificadas, a separar nativos de imigrantes, “estabelecidos” de “outsiders” – para empregarmos conceitos de Norbert Elias (2000) –, dentre outros grupos.

A cultura, como chave de leitura adotada por diferentes autores, dá continuidade a uma tradição intelectual inaugurada há décadas nas Humanidades. Tal categoria é pensada como maneiras de viver e não se restringe às “belas-artes” ou ao que se convencionou a chamar de “alta cultura”. Os diferentes artigos também se afastam de uma concepção meramente contemplativa de cultura, que a dissocia de sua dimensão política. A cultura, na perspectiva interdisciplinar deste dossiê, é entendida como uma forma de olhar e interpretar os grupos humanos, de compreender os mundos imaginários em que operam e constroem formas de poder e ação, em universos semióticos e materiais resultantes da negociação de significados, muitas vezes em um terreno de conflitos. A partir dessa base, podemos pensar as fronteiras e as espacialidades em articulação com a memória social, ou seja, com as formas sociais, políticas, econômicas e simbólicas pelas quais os grupos humanos se relacionam com elas em uma dinâmica processual e histórica.

Os trabalhos também dão conta de um tempo de conflitos diversos. No momento em que fechamos este dossiê, o mundo presencia atônito, inúmeros conflitos bélicos. Os dois mais difundidos pelas mídias são, sem dúvida, as guerras no Leste Europeu, na Ucrânia, e no Oriente Médio, com as guerras de Israel em Gaza e no Irã. Entretanto, os conflitos, assim como as fronteiras, também

são múltiplos, na década de 2020. A Europa e os EUA estão fraturados por embates envolvendo a imigração, a América Latina e o Leste Europeu mergulham em uma polarização política. Fronteiras, espacialidades, memórias, culturas, identidades e colonialismo se encontram no epicentro desse contexto de alterações.

Os artigos publicados neste dossiê ajudam a pensar como historicamente se forjou esse tempo presente, marcado por conflitos de ordem cultural, fronteiras móveis e memórias complexas. Estas também foram refletidas, desde aquelas de populações indígenas latino-americanas sobre seus enfrentamentos com os processos coloniais até as que se relacionam com políticas patrimoniais europeias, para citarmos apenas mais alguns exemplos.

Essas questões todas foram pensadas dentro de dinâmicas conflitivas, seja nos embates entre povos tradicionais ou imigrantes e sociedades nacionais, seja em alterações internas às próprias comunidades, grupos sociais e cidades emergidas das novas práticas de urbanização em meio ao feudalismo tecnológico do século XXI. Os conflitos, neste dossiê, configuram-se como mote para se pensar a vida cotidiana nos séculos XX e XXI, portanto.

Os eixos que lançamos na chamada foram dinamizados, nos escritos de diferentes autores, transversalmente, e resultaram nos artigos apresentados a seguir. Abrindo o dossiê, temos *“Hacia una descolonización del conocimiento sobre fronteras: (Contra-)memorias y patrimonios culturales en la Raya hispano-lusa de Andalucía”*, escrito por Elodia Hernández León e Ángeles Castaño Madroñal. O trabalho aborda o patrimônio cultural na Andaluzia, em sua dinâmica cultural fronteiriça, entre Espanha e Portugal. O foco do artigo recai sobre as comunidades periféricas e as maneiras como elas lidam com sua cultura e memórias. A proposta de descolonizar a produção do conhecimento sobre as fronteiras, a partir da emergência de memórias locais, a partir de enfoques metodológicos situados, que abordem as culturas de fronteira, pode contribuir para que o patrimônio imaterial atue como recursos de desenvolvimento simbólico e econômico em periferias nacionais.

Na sequência, temos *“Fronteras (pos-)coloniales y fronteras étnicas del estado multiétnico vietnamita con China”*, de Duy Bao-Vu e Ángeles Castaño Madroñal. Os autores tratam da dinâmica cultural das populações que habitam as montanhas na fronteira entre China e Vietnã. O texto traz, portanto, uma discussão em que a historiografia brasileira ainda é muito carente de conhecimento, a dinâmica sociocultural asiática. Conforme frisam os autores, essa fronteira emergiu como produto do contexto colonial asiático, que recorrentemente deixou de observar as dinâmicas das populações que habitavam as regiões em que os limites coloniais foram traçados. Em função disso, as “fronteiras coloniais” convivem com outras, as “fronteiras

étnicas”, construídas pelos próprios povos que habitam essa região internacional.

O terceiro artigo assinala o ingresso da discussão na realidade latino-americana. *“Entre la escuela y el territorio: representaciones del rol docente en profesoras y profesores indígenas en el extremo norte de Chile”*, de Raúl Bustos, Alfonso Díaz Aguad e Sara Joiko Mujica. O texto discute as experiências de docentes oriundos de comunidades tradicionais no norte do país. Trata-se de uma região fronteiriça ao Peru e ao Chile, escolhida pelos autores para analisar a possível desconexão entre a proposta educacional chilena, ancorada em uma concepção de identidade nacional homogênea, e as culturas e saberes locais, comunitários e tradicionais.

A discussão sobre povos indígenas prossegue com *“‘Caçadores da própria história’: colonização e territorialidade na epistemologia guarani”*, de Luisa Tombini Wittmann. A autora analisa o cinema indígena produzido pelo Coletivo Mbyá Guaraní. Toma como recorte películas produzidas pelo Coletivo que tratam do empreendimento colonial jesuítico, sob a visão indígena guarani. Tais filmes são tomados como fontes e refletidos à luz de referenciais provenientes de intelectuais indígenas e decoloniais.

Em *“Fronteiras diletantes: limiares de experiências entre contos e vivências”*, de Eudes Fernando Leite e Leandro Baller, o esforço para se pensar linguagens diversas como fontes históricas continua. Os autores exploram o entrecruzamento da literatura, da música e das narrativas orais para historicizar a fronteira do Brasil com o Paraguai, na altura dos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná. A fronteira, no artigo, é explorada em sua dimensão complexa, como limiar oficial entre países que, no entanto, é atravessado por uma dinâmica cultural repleta de hibridismos.

Também a explorar um cenário regional, no estado do Paraná, temos *“Um falso padre: crime e relações de poder entre imigrantes ucranianos na Serra do Tigre (Mallet-PR, inícios do século XX)”*, escrito por Helio Sochodolak e Maíra Ines Vendrame. Nesse artigo, os autores exploram um processo judicial movido contra um falsário que se passava por padre. Com base nesse documento, buscam compreender a dinâmica da comunidade de São Pedro de Mallet, na década de 1920. No texto, percebemos as múltiplas fronteiras que atravessam o local estudado, a separar e, em alguns momentos, confrontar o sagrado e o profano, o laico e o religioso, o nacional e o imigrante e seus descendentes. A análise produzida pelos autores revela a densidade cultural da vida social em uma pequena cidade do interior do Paraná, em princípios do século XX.

A seguir, temos um artigo que explora de maneira mais teórica os temas centrais propostos no dossiê. Vivian da Veiga Silva e Losandro Antônio Tedeschi, em *“Glo-*

ria Anzaldúa: pensar a fronteira, o gênero e a história”, refletem sobre a tríade conceitual que intitula o texto na obra da escritora e teórica cultural norte-americana de origem mexicana Gloria Anzaldúa. Com base na trajetória familiar, mestiça e transnacional da autora, Silva e Tedeschi defendem que ela recoloca a discussão sobre fronteira em termos que fogem ao hegemônico.

O último artigo, intitulado “*Mahagonny, o el cultivo de las ciudades tóxicas*”, de Carlos Tapia Martín, faz um contraponto entre a ópera e as Zonas Especiais de Desenvolvimento Econômico (ZEDEs) na América Latina. Na reflexão promovida pelo autor, tais zonas contribuem para debilitar as soberanias nacionais, aumentar a desigualdade social e a degradação ambiental. Em tais espaços, práticas “modernas” de desenvolvimento econômico, baseadas em criptomoedas, por exemplo, convivem com a edificação de poderes paralelos e uma desregulamentação desenfreada, que redunde em superexploração de trabalhadores e de recursos naturais. O autor conclui que o desenvolvimento dessas cidades segue um modelo neoliberal, do qual resulta o cultivo de cidades tóxicas.

Enfim, o dossiê se configura em um rico material que muito pode auxiliar pesquisadores a pensarem os rumos da tríade conceitual aqui proposta – fronteiras, espacialidades e memórias – nos debates contemporâneos. Desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências

- ANDERSON, B. 2008. *Comunidades imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 330 p.
- APPADURAI, A. 2008. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: INDA, X; RENATO, R. (org.). *The Anthropology of Globalization: A Reader*. Malden, Blackwell Pub, p. 47-65.
- CERTEAU, M. 2000. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ, Vozes, 316 p.
- ELIAS, N. 2000. Introdução: ensaio teórico sobre as relações “estabelecidos”-“outsiders”. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 19-50.
- QUIJANO, A. 2000. Coloniality of power, eurocentrism and Latin America. *Nepantia: Views from South*, 1(3):533-580.
- RITZER, G. 2008. *La McDonalización de la sociedad*. Los Angeles, Pine Forge Press, 362 p.
- ROBERTSON, R. 2003. Glocalización: tempo-espacio y homogeneidad-heterogeneidad. In: MONEDERO, J. C. (org.). *Cansancio del Leviatán: problemas políticos de la mundialización*. Madrid, Trotta, p. 261-283.
- THOMPSON, E. P. 1981. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 231 p.
- VAROUFAKIS, Y. 2024. *Tecnofeudalismo: el sigiloso sucesor del capitalismo*. Bilbao, Deusto, 264 p.
- ZIENTARA, B. 1989. Fronteira. In: ROMANO, R. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 4, p. 306-317.